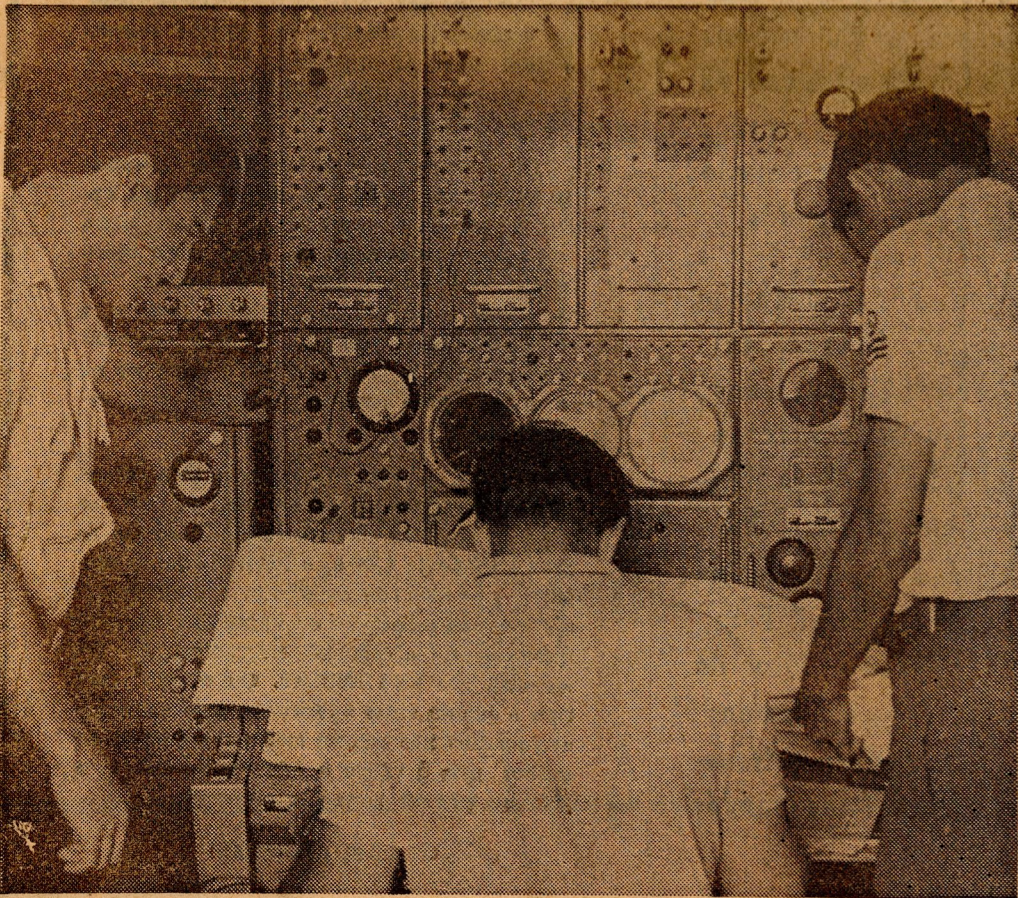


A esteira de fumaça branca que sobe para os lados das dunas que cercam Natal, tôdas semanas não causa mais nenhum espanto ao natalense, que se acostumou a ouvir falar de foguetes e apontar a base da Barreira do Inferno como mais uma consequência da localização privilegiada de sua cidade.

Há mais de três anos — exatamente no dia 15 de dezembro de 1965 — a esteira de fumaça branca que subiu até se perder de vista parou literalmente a cidade e foi assunto durante uma semana no Grande Ponto, onde os desocupados de fim de tarde conversavam e olhavam a passagem das garôtas de mini-saia: Natal entrava na era espacial:



Em dia de lançamento de foguete, todos os equipamentos eletrônicos da Barreira do Inferno entram em ação. Na foto, uma equipe de técnicos estuda informações colhidas de um radar

# Base da Barreira do Inferno lança Natal na era do espaço

Reportagem de DJAIR DANTAS — Fotos de ERALDO GOMES

## NOVA LINGUAGEM

Hoje, certos nomes que, a princípio, pareciam ter conotações cabalísticas, soam quase que familiarmente aos ouvintes das estações de rádio natalenses, embora os locutores enrolem a língua toda para pronunciá-los, e o façam, sempre errado. Da nomenclatura espacial potiguar fazem parte Nike Apache, Nike-Cajun, Nike-Tomahawk, Aerobee, Javelin, Black Brant (foguetes), anomalia do Atlântico Sul, espectrômetros de massa, cinturão de Van Allen e siglas como NASA, CNAE e GETEPE, que são os organismos responsáveis pelo êxito da Barreira do Inferno.

Por trás dos nomes e das siglas, porém, há um trabalho dos mais sérios no campo da pesquisa meteorologia e espacial. Cada foguete disparado é um dado a mais no intrincado mapa da meteorologia mundial, onde as previsões têm que ser exatas, sobretudo em vésperas de lançamento de astronautas.

## FOGUETES E PROGRAMAS

O programa Exametnet foi o primeiro a ser executado pelos técnicos de Barreira do Inferno e se prolonga até hoje, com lançamentos semanais, às quartas-feiras, de foguetes Hasp e Arcas, de fabricação americana, destinados a verificações meteorológicas. São foguetes de pequeno porte e atingem a altitudes que variam de 80 a 120 quilômetros.

O Projeto Safó-PIUB, em cooperação com a Universidade de Bonn, na Alemanha, consistiu do lançamento de um foguete Black Brant IV, de fabricação canadense, para a medição da radiação no Atlântico Sul. O Black Brant é um foguete de dois estágios, movido a propelente sólido, com 11.300 quilos de empuxo, contendo uma carga útil de 55,4 quilos e atinge seu apogeu a 785 quilômetros. Viaja a uma velocidade média de 3.600 metros por segundo e demora 9,8 segundos desde o lançamento até o local de impacto, situado a 450 quilômetros.

Um outro lançamento do Black Brant IV

foi feito em colaboração com a NASA (Agência Americana de Aeronáutica e Espaço) para estudo da radiação do cinturão de Van Allen.

Entre os outros lançamentos, estão os foguetes Aerobee (exames de intensidade e fontes de raios-X na atmosfera por galáxias e por outras fontes externas), num programa conjunto com a NASA e a Universidade Católica de Washington.

Mais dois lançamentos de Aerobees estão previstos para este ano, um para pesquisas do horizonte infra-vermelho e o segundo para medição de intensidade e fontes de raios-X na atmosfera.

Outros programas são os executados através do foguete Nike-Tomahawk (medição do fluxo de nêutrons) e do foguete Javelin, este executado em colaboração com a NASA e com a agência espacial alemã. Um Javelin foi lançado em 1967 para testar seis dos dez experimentos de serão instalados no primeiro satélite alemão, a ser posto em órbita dentro em breve.

## O QUE É A CNAE

A Comissão Nacional de Atividades Espaciais — CNAE — representa, para o Brasil, o que a NASA representa para os Estados Unidos e é responsável, juntamente com a Força Aérea Brasileira, pelo papel destacado que o país vem desempenhando no campo dos foguetes de pesquisa.

Resultado do esforço de um homem que não impressiona à primeira vista — o cientista Fernando Mendonça —, mas que, segundo alguns, criou um verdadeiro Instituto Hudson em miniatura na cidade de São José dos Campos, a CNAE prepara-se para tentar uma revolução no campo do ensino, com o Projeto SACI.

## O PROJETO SACI

Até agora o Projeto Saci só existe no papel e muitos o consideram tão fantasioso como a figura a quem a sigla identifica. Mas, a mes-

ma confiança e capacidade que conduziram ao que hoje é a base da Barreira do Inferno tornar realidade o satélite brasileiro de educação, pois SACI significa Satélite Avançado de Comunicações Interdisciplinares.

O representante da CNAE em Natal, sr. Dalton Melo de Andrade, mostra, baseado em prospectos de fábricas de produtos aero-espaciais, que o satélite, afinal de contas, será a parte mais barata de todo o plano. O lançamento poderá ser contratado em qualquer lugar, até na União Soviética, enquanto que a vida útil do artefato está calculada em cinco anos.

«Uma prova de que o satélite torna as coisas mais fáceis e baratas foi a instalação da estação terrestre de Itaboraí, que reduziu o custo das chamadas telefônicas e das comunicações internacionais» — disse.

A primeira fase do projeto SACI começará a ser executada em setembro e será uma experiência para demonstrar que os custos das estações receptoras é relativamente baixo, ao mesmo tempo em que se verificará qual o melhor tipo de antena receptora.

Nessa primeira fase, a Universidade de Stanford, na Califórnia, enviará, através do satélite ATS-III, programas de pós-graduação para os membros da CNAE, nos setores de Engenharia Física, Eletrônica e Matemática. Em contrapartida, do Brasil serão transmitidos para os Estados Unidos programas sobre aspectos sociais e culturais do país.

A última fase do projeto, porém, será o ensino feito através do satélite brasileiro — cujo lançamento está previsto para 1975 — numa proporção e a um custo tão baixo que o fantasma do analfabetismo poderá ser erradicada literalmente. Antes disso, porém, já o satélite americano ATS-G/F poderá transmitir aulas — preparadas no Brasil — para 500 escolas nordestinas.